

## O Coelho e a Cabra Cabrês

Pré-escolar

**“Narrador:** Era uma vez um coelho que vivia muito feliz numa floresta.

Saltitava daqui, saltitava dali à procura de alguma coisa fresquinha para comer.

Um dia, depois de tanto saltitar e procurar, reparou que se tinha perdido da sua linda casinha. Não se importou, porém, porque a fome já era demasiada.

Andou... andou... até que viu um campo cheio de cenouras fresquinhas.

Não esperou mais e catrapumba... mandou –se para cima das cenouras.

Comeu tantas, tantas, tantas, que, quando parou de comer, a sua barriga já se arrastava pelo chão.

Agora o importante era encontrar o mais depressa possível a sua casinha e descansar uma grande sesta. Mas sabem o que lhe aconteceu?

**Coelho:** Truz... truz... truz...

**Cabra Cabrês:** Quem é?

**Coelho:** Sou eu, o coelho da floresta e dono desta casa. E tu quem

**Cabra Cabrês:** Eu sou a Cabra Cabrês, que te salta em cima e te faço em três!

**Narrador:** O coelho muito triste e cheio de medo foi pedir ajuda à sua amiga vaquinha.

**Vaquinha:** O que é que tu tens coelho? Porque estás tão triste?

**Coelho:** É a Cabra Cabrês que está na minha casa e diz que me salta em cima e me faz em três.

**Narrador:** Ao ouvir isto a vaquinha respondeu:

**Vaquinha:** Mu... mu... mu... Eu não vou lá porque tenho medo. Adeus coelho, deixa-me fugir!

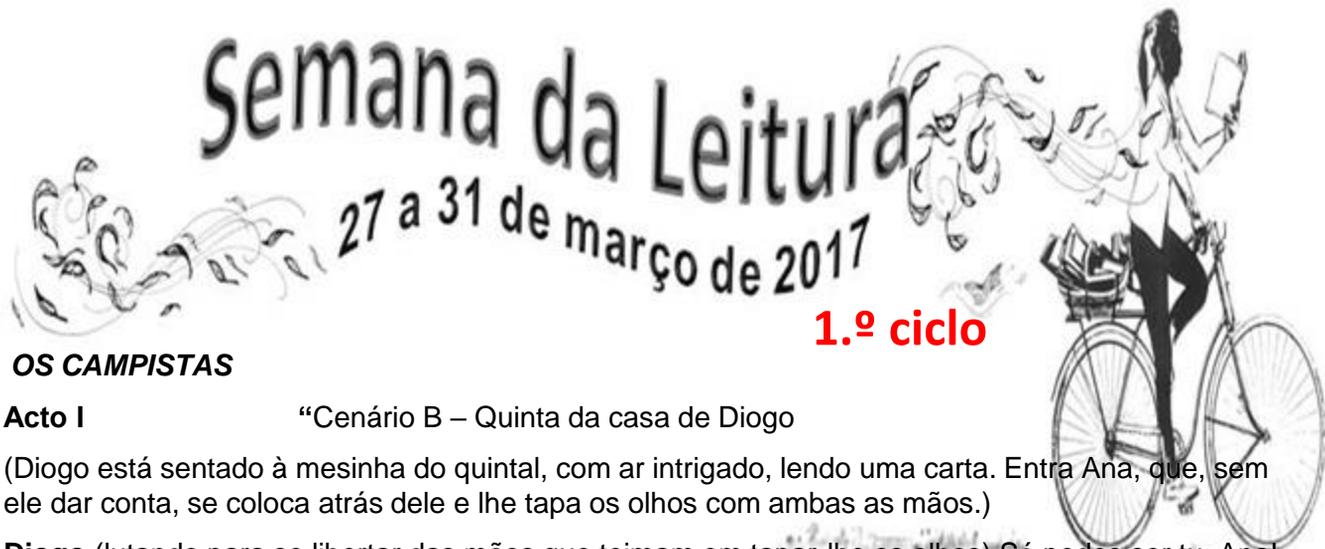
**Narrador:** O coelho muito triste e quase a chorar, continuou à procura de alguém que o ajudasse.

Entretanto apareceu o seu grande amigo, o Burro que lhe perguntou:

**Burro:** Que te aconteceu coelho da floresta? Hoje estás tão triste...

**Coelho:** É a Cabra Cabrês que está na minha casinha e diz que me salta em cima e me faz em três. (...)

In *Colectânea de Teatro, Maria almeida e João almeida*



## OS CAMPISTAS

**Acto I** “Cenário B – Quinta da casa de Diogo

(Diogo está sentado à mesinha do quintal, com ar intrigado, lendo uma carta. Entra Ana, que, sem ele dar conta, se coloca atrás dele e lhe tapa os olhos com ambas as mãos.)

**Diogo** (lutando para se libertar das mãos que teimam em tapar-lhe os olhos) Só podes ser tu, Ana! Vá, larga-me!

**Ana** (libertando o amigo e sentando-se na outra cadeira) – Porque é que só podia ser eu, hã? Podia muito bem ser ... deixa cá ver...

**Diogo** (com ironia) – O abominável homem das neves... A esta hora só podias ser tu, lógico!

**Ana** (com um ar de mistério) – Às vezes, há surpresas...

**Diogo** - Tens razão. Por acaso, ainda hoje tive uma surpresa ... (meditativo) Uma grande surpresa!...

**Ana** (curiosa) E essa surpresa terá alguma coisa a ver com esse papel que tens aí, Diogo?

**Diogo** (em tom de brincadeira) Cusca!

**Ana** (acenando afirmativamente com a cabeça) Já vi que tem...

**Diogo** (levanta-se, dá alguns passos e volta a sentar-se. Dá duas tossidelas.) Este papel, como lhe chamaste, é uma carta...

**Ana** (muito curiosa) Uma carta?!... Não sabia que costumavas receber cartas... (desolada) A mim ninguém me escreve cartas. (indignada) Nunca na vida recebi uma carta! Nem sequer um miserável postal! (muito desolada) A única coisa que recebo são mensagens idiotas no telemóvel, anedotas estúpidas por e-mail e bilhetinhos cheios de erros ortográficos, nas aulas, a pedir ajuda nos testes... (Com ar dramático) Sou uma infeliz! ( Suspira longamente.)

**Diogo** (com simpatia) Se eu soubesse que isso era assim tão importante para ti, já te tinha escrito uma carta nas férias, Ana, palavra. ( Põe-se a olhar fixamente a carta que recebeu.)

**Ana** (animada) Por falar em férias, as nossas começam hoje! Quem diria?! Já estava farta da minha escola, de ver todos os dias as mesmas pessoas, de aturar os rapazes chatos da minha turma... (Pausa breve) Se não andasse contigo na Escola de Música, acho que já teria morrido de tédio... ( Pausa breve) Finalmente, vou poder treinar mais umas horitas de viola e tu também, não é?

**Diogo** (Alheado) Hum – hum.

**Ana** (Entusiasmada) Temos de ensaiar para o concerto de Verão!

**Diogo** (Ainda alheado) Pois.

**Ana** ( Intrigada) Estás tão pensativo! Essa carta deixou-te mesmo *down* ou é só impressão minha, Diogo?”

In *Os campistas*, Maria Teresa Maia Gonzalez



Século XXI. Ano de 2010

Vindo de muito longe, um adolescente de cerca de treze anos e principesco carácter prepara-se para iniciar a sua jornada por lugares que lhe são familiares...

## CENA I

### ENCONTRO COM O VELHO

“O Príncipezinho observa em volta, de olhar perdido na distância, como se procurasse um ponto de referência... Num ambiente campestre, avista uma casinha térrea e dirige-se para lá.

(Bate à porta e segue-se um longo silêncio. Bate de novo, desta vez com maior insistência. Aparece um velho, arrastando-se penosamente.)

**Príncipezinho** (timidamente) – Bom dia!...Desculpe incomodá-lo, senhor...

**Velho** (com ar pouco acolhedor) - Quem és tu e o que queres daqui?

**Príncipezinho** – Eu sou o Príncipezinho e venho em busca de saúde...

**Velho** – De saúde ?? Não me parece doente...

**Príncipezinho** – Pois, mas se continuasse no meu Planeta ia ficar muito doente, porque lá já não se consegue viver com saúde...

**Velho** (aproximando - se, interessado) - De onde vens, rapazinho?

**Príncipezinho** – Venho de muito longe, do Planeta XR5W. Tive de sair de lá... ou morria como todos os outros. O ambiente tornou-se impróprio para a saúde...ultrapassou todos os limites de tolerância para a vida humana...

**Velho** ( com desalento ) – Já sei, já sei... O Homem foi destruindo a Natureza e, sem se aperceber, foi eliminando a sua própria qualidade de vida...

**Príncipezinho** – Pois foi. Como é que o senhor sabe?

**Velho** – Os erros repetem-se! Cá na Terra, as coisas também vão mal... Muito mal, mesmo!...

**Príncipezinho** – Porque diz isso?

**Velho** ( indicando o seu corpo ) – Olha para mim...Vês um velho caquético, não é? Pois acredita que só tenho quarenta anos...

**Príncipezinho** ( espantado ) - Não é possível!...

**Velho** – É! Cresci numa grande cidade, com muita poluição e muito stress. Depois, com a ambição de ganhar dinheiro, habituei-me a refeições rápidas, muito ricas em aditivos, corantes, conservantes... e muito pobres em nutrientes... Durante o dia quase não bebia água e agora a água tornou-se m bem raro e precioso que é preciso poupar...

**Príncipezinho** ( preocupado ) – Vocês não têm água para beber?

**Velho** – Temos alguma... Já pouca, porque a poluição dos rios continua a aumentar e as doenças alastram cada vez mais... Na Índia, por exemplo, quase já não há água potável e as pessoas andam quilómetros para conseguirem alguma água que nada tem de incolor...

**Príncipezinho** ( com ar sonhador ) – Ah, quem me dera poder ajudar-vos!..."

In O príncipezinho do século XXI: pela saúde na Terra, Manuela Lopes

# Semana da Leitura

27 a 31 de março de 2017

Cena I

3.º ciclo

**REI LEANDRO, BOBO**

*“(No jardim do palácio real de Helíria. Rei Leandro passeia com o bobo)”*

**REI:** Estranho sonho tive esta noite... Muito estranho...

**BOBO:** Para isso mesmo se fizeram as noites, meu senhor! Para pensarmos coisas acertadas, temos os dias – e olha que bem compridos são!

**REI:** Não sabes o que dizes, bobo! São as noites, as noites é que nunca mais têm fim!

**BOBO:** Ai, senhor, as coisas que tu não sabes...

**REI:** Estás a chamar-me ignorante?

**BOBO:** Estou! Claro que estou! Como é possível que tu não saibas como são grandes os dias dos pobres, e como são rápidas as suas noites... Às vezes estou a dormir, parece que mal acabei de fechar os olhos – e já tocam os sinos para me levantar. A partir daí é uma dança maluca, escada acima escada abaixo: és tu que me chamas para te alegrar o pequeno-almoço; é Hortênsia que me chama porque acordou com vontade de chorar; é Amarílis que me chama porque não sabe se há de rir se há de chorar - e eu a correr de um lado para o outro, todo o santo dia, sempre a suspirar para que chegue a noite, sempre a suspirar para que se esqueçam de mim, por um minutinho que seja!, mas o dia é enorme, enorme!, o dia nunca mais acaba, e é então que eu penso que, se os reis soubessem destas coisas, deviam fazer um decreto qualquer que desse aos pobres como eu duas ou três horas a mais para...

**REI ( interrompendo ) :** Cala-te!

**BOBO:** Pronto, estou calado.

**REI:** Não me interessam agora os teus pensamentos, o que tu achas ou deixas de achar. Eu estava a falar do meu sonho.

**BOBO:** Muito estranho tinha sido, era o que tu dizias...

**REI:** Nunca me interrompas quando eu estou a falar dos meus sonhos!

**BOBO:** Nunca, senhor!

**REI:** Não há no mundo mais importante do que um sonho.

**BOBO:** Nada, senhor?

**REI:** Nada.

**BOBO:** Nem sequer um bom prato de favas com chouriço, quando a fome aperta? Nem sequer um lumezinho na lareira, quando o frio nos enregela os ossos?

**REI:** Não digas asneiras, que hoje não me apetece rir.

**BOBO:** Que foi que logo de manhã te pôs assim tão zangado com a vida? Já sei! O conselheiro andou outra vez a encher-te os ouvidos com as dívidas do reino!

**REI:** Deixa o conselheiro em paz... E o reino não tem dívidas, ouviste?

**BOBO:** Não é o que ele diz por aí, mas enfim... Então, se ainda por cima não deves nada a ninguém, por que estás assim tão maldisposto? Terá sido coisa que comeste e te fez mal? Aqui há dias comi um besugo estragado, deu-me volta às tripas, e olha...

**REI ( interrompendo-o ) :** Cala -te que já não te posso ouvir! ( *Suspira* ) Ah, aquele sonho! Coisa estranha aquele sonho..."

*In Leandro, Rei da Helíria, Alice Vieira*



Cena I

**Secundário**

Frei Luís de Sousa

“**Madalena** só, sentada junto à banca, os pés sobre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sobre ele, como quem descaiu da leitura na meditação.

**Madalena**

(repetindo maquinalmente e de vagar o que acaba de ler).

Naquele ingano d`alma led e cego,

Que a fortuna não deixa durar muito...

-Com paz e alegria d`alma... um ingano, um ingano de poucos instantes que seja...deve de ser felicidade suprema neste mundo. E que importa que o não deixa durar muito a fortuna? Viveu-se, pode-se morrer. Mas eu!...(Pausa). Oh! que o não saiba ele ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo ... este medo, estes contínuos terrores, que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a imensa felicidade que me dava o seu amor. Oh! que amor, que felicidade ...que desgraça a minha! (Torna a descair em profunda meditação; silêncio breve).

Cena II

**Madalena, Telmo Pais**

**Telmo**

(chegando ao pé de Madalena, que o não sentiu entrar)

-A minha senhora está a ler?

**Madalena**

(despertando)

-Ah! Sois vós, Telmo... Não, já não leio: há pouca luz de dia já; confundia-me a vista. E é um bonito livro este! o teu valido, aquele nosso livro, Telmo.

**Telmo**

(deitando-lhe os olhos)

-Oh! oh! Livro para damas – e para cavaleiros... e para todos: um livro que serve para todos – como não há outro, tirante o respeito devido ao da palavra de Deus! Mas esse não tenho eu a consolação de ler, que não sei latim como meu senhor...quero dizer como o Sr. Manuel de Sousa Coutinho - que, lá isso!...acabado escolar é ele. E assim foi seu pai antes dele, que muito bem o conheci: grande homem! Muitas letras, e de muito galante prática, e não somenos as outras partes de cavaleiro: uma gravidade!...Já não há daquela gente. Mas, minha senhora, isto de a palavra de Deus estar assim noutra língua, numa língua que a gente...que toda a gente não entende...confesso-vos que aquele mercador inglês da Rua Nova, que aqui vem às vezes, tem-me dito suas cousas que me quadram... E Deus me perdoe, que eu creio que o homem é hereje, desta seita nova d`Alemanha ou d`Inglaterra. Será?”

In *Frei Luís de Sousa*, Almeida Garrett

# Semana da Leitura

27 a 31 de março de 2017

**Adulto**

## Acto I

*“Ao abrir o pano, a cena está às escuras, encontrando-se uma única personagem intensamente iluminada, ao centro e à frente do palco. Esta personagem está andrajosamente vestida.*

### Manuel

Que posso eu fazer? Sim: que posso eu fazer?

*(Dá dois passos em direcção ao fundo do palco, detém-se, e continua)*

Vê-se a gente livre dos Franceses, e zás!, cai na mão dos Ingleses!

E agora? Se acabamos com os ingleses, ficamos na mão dos reis do Rossio...

Entre os três o diabo que escolha...

*(Pausa)*

Deus todo-poderoso para frente...Deus todo-poderoso para trás...Sua majestade para a esquerda...Sua majestade para a direita...

*(Pausa)*

E enquanto eles andam para trás e para a frente, para a esquerda e para a direita, nós não passamos do mesmo sítio!

*Ilumina-se, subitamente, o fundo do palco.*

*De pé sentadas, várias figuras populares conversam. Algumas dormem estendidas no chão. Uma velha, sentada num caixote, cata piolhos a uma rapariga nova.*

*(Avança e detém-se junto duma mulher ainda nova, que dorme, no chão, coberta por uma saca)*

A Rita dorme. A que horas chegou ela?

### 1.º Popular

*(Levantando-se dum salto e macaqueando as maneiras dum fidalgo, finge tirar um relógio do bolso dum colete inexistente)*

Saiba, meu senho, que a Senhora D. Rita chegou tarde.

Eram quase cinco horas pelo meu relógio de ouro.

*(Finge levantar o relógio para o ver melhor.*

*Desfaz o gesto com violência e continua em tom raivoso)*

Alguém aqui tem relógio?

*(Como ninguém responde, volta a dirigir-se a Manuel)*

Esqueceram-se dos relógios em casa..."

In *Felizmente há luar*, Luís de Sttau Monteiro